

**Uma Literatura que Transforma: *Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada* de
Carolina Maria De Jesus**

**A Transforming Literature: *Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada* by Carolina
Maria De Jesus**

Jaciara Borges Guimaraes¹

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: O artigo objetiva fazer uma análise da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus, na perspectiva da exclusão da figura feminina negra na literatura brasileira. Evidenciar a literatura enquanto instrumento de regaste dessa marginalização e destacar o posicionamento crítico da autora quanto ao preconceito de gênero, raça e posição social. Serão feitos apontamentos sobre a autora, para compreender como se deu a entrada da escritora no cenário da literatura brasileira, uma vez que, trata de uma mulher negra, moradora de uma favela e com pouca escolaridade. Será discutida a violência, a miséria e a fome vivenciadas por Carolina Maria de Jesus.

Palavras-Chave: Mulher Negra, Gênero, Raça, Literatura Brasileira Contemporânea.

Abstract: The article aims at analyzing the work *Quarto de despejo: diary of a favelada* by Carolina Maria de Jesus, based on the perspective of the exclusion of the black female figure in Brazilian literature. Evidencing literature as an instrument to approach this marginalization and to highlight the author's critical position regarding gender, race and social position. Some notes will be made on the author, in order to understand how the author's entry into the Brazilian literature scene has taken place, since it is a black woman, living in a favela and with little schooling. Violence, misery and starvation experienced by Carolina Maria de Jesus will be also discussed.

Key-words: Black Woman, Gender, Race, Contemporary Brazilian Literature.

**Recebido em 10 de maio de 2018
Aceito em 15 de junho de 2018**

1. INTRODUÇÃO

Alimentei, eduquei e amei meus três filhos. Catei papel, revirei lixo. Do papel também tirei meu alimento: a escrita.
Carolina Maria de Jesus

O estudo buscará através de uma perspectiva feminina utilizar os relatos cotidianos da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, da autora brasileira Carolina Maria de Jesus, discutindo os desafios enfrentados pela mulher no início do século XX. Primeiramente

¹ Mestranda em Estudos Literários (UFT). E-mail: jaciaraquimaraes@hotmail.com

serão feitos apontamentos sobre a autora, para compreender como se deu a entrada da escritora no cenário da literatura brasileira, uma vez que, trata de uma mulher negra, moradora de uma favela e com pouca escolaridade. Será discutida a violência, a miséria e a fome vivenciadas por Carolina Maria de Jesus.

Entre julho de 1955 e janeiro de 1960 em vinte cadernos, Carolina Maria de Jesus escreveu a obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, relatando as diversas dificuldades encontradas para sustentar seus filhos e, principalmente os obstáculos para ser vista enquanto ser humano. O jornalista Audálio Dantas, foi o responsável pela publicação da obra e por torná-la conhecida mundialmente.

Uma catadora de papel que conseguiu narrar seu cotidiano, expor a crueldade e a tristeza da vida de quem *sobrevive* nesses lugares carentes de absolutamente tudo. Por meio de uma linguagem extremamente simples, Carolina Maria denunciou o sistema social e político que fechavam as portas para esse sujeito periférico. Mostrou a situação miserável de quem vivia nas favelas e como o sofrimento era constante na vida desses indivíduos

Carolina Maria de Jesus mulher negra, privada de conforto ou privilégio, conseguiu ter sua obra traduzida em treze línguas diferentes e, posteriormente tornar referência para os estudos sociais e culturais brasileiros.

O estudo percorrerá o caminho do silenciamento da voz negra feminina na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, com base nas leituras teóricas de Márcia Hoppe Navarro, Rita Terezinha Schmidt, Conceição Evaristo, Mirian Aparecida Alves entre outras que possibilitará ver como se deu o anulamento da mulher na sociedade brasileira.

2. A MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA

A mulher na literatura brasileira sempre esteve na posição de silenciamento ou mesmo de total exclusão. Suas produções literárias não recebiam o mesmo reconhecimento que obras de autoria masculina. No seletor cânone literário, de grandes escritores homens fomentaram a *representação* do sujeito feminino como subalterno. Nas palavras de Almeida (2010) que retoma a fala de Spivak comenta que,

Para ela, o termo deve ser resgatado, retomando o significado que Gramsci lhe atribuiu ao se referir ao “proletariado”, ou seja, àquele cuja voz não pode ser ouvida. O termo subalterno, Spivak argumenta, descreve “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos

modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”. (2010, p.05)

No texto, *Pode o subalterno falar?* Gayatri Spivak (2010) mostra o sujeito subalterno, aquele sem voz política, ou com voz, porém não consegue ser ouvida. Enfatiza ainda, o importante papel do intelectual em abrir espaço de fala a este sujeito subalterno. Nota-se, o discurso sobre a violência epistêmica imperialista sofrida pelo subalterno, e aponta como o sujeito feminino encontra-se numa posição de maior desfavorecimento, já que, sofre também com a dominação masculina perpetuada pela construção ideológica de gênero.

Sendo assim, com base na teoria pós-colonial de Spivak, podemos perceber que embora tenha acabado politicamente o colonialismo, ainda é observado o discurso do colonizador sendo perpetuado socialmente no discurso e na mentalidade ocidental. Spivak (2010, p. 14) menciona que,

A tarefa do intelectual pós-colonial deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido(a). Para ela, não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar “contra” a subalternidade, criando espaços nos quais o subalterno possa se articular e, como consequência, possa também ser ouvido.

Apesar desse processo de inferiorização do outro pelo ocidente, é possível criar possibilidades para que o outro, subalterno, tenha a chance de falar e ser ouvido. Almeida (2010), a respeito dessa prática, aquém desse indivíduo representado argumenta,

Desvela o lugar incômodo e a cumplicidade do intelectual que julga poder falar pelo outro e, por meio dele, construir um discurso de resistência. Agir dessa forma, Spivak argumenta, é reproduzir as estruturas de poder e opressão, mantendo o subalterno silenciado, sem lhe oferecer uma posição, um espaço de onde possa falar e, principalmente, no qual possa ser ouvido. (2010, p.12)

Conforme Spivak (2010, p.14) salienta, “refere-se ao fato de a fala do subalterno e do colonizado ser sempre intermediada pela voz de outrem, que se coloca em posição de reivindicar algo em nome de um(a) outro(a)”. O homem por anos sentiu-se capaz de falar pela mulher, um exercício recorrente na literatura.

Enfim, ao pensar num contexto geral da participação das mulheres na literatura, percebe-se de acordo com Schmidt e Navarro (2007) que:

(...) a cultura literária constitui parte integrante do campo cultural e seu desenvolvimento foi, até há pouco tempo, regulado e controlado ideologicamente pela hegemonia patriarcal e seus pressupostos sobre diferenças assimétricas e hierárquicas de gênero, o que significa

dizer que as mulheres que atuaram, no passado, no campo das letras, ficaram à margem da literatura, esquecidas e silenciadas nas histórias literárias. Nesse sentido, uma visada crítica às culturas literárias nacionais ilumina as conexões entre cultura e poder, entre instituição intelectual e dominação, entre privilégio e exclusão (2007, p. 85).

As mulheres sofreram com as exclusões dos espaços mais diversos, na literatura, na cultura e na arte em geral. Confinadas somente aos ambientes domésticos e religiosos. Com regime absoluto de obediência iniciado ainda na infância, com a figura autoritária do pai, estendeu a fase adulta com a dedicação exclusiva ao marido. Essas regras impostas pela sociedade patriarcal acabaram por ser internalizada pelas mulheres, conforme Beauvoir (1980), em seu livro *O Segundo Sexo* discorre:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade, é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

Se, bem antes da puberdade e, às vezes, mesmo desde a primeira infância, ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada. (1980, p. 9-10)

Esse condicionamento velado moldou a postura feminina e, solidificou na sociedade a divisão entre os sexos. Como consequência dessa visão negativa direcionadas às mulheres, estas foram sendo cada vez mais excluídas e silenciadas – processo intensificado pela negação ao acesso à educação, algo restrito aos homens. Para elas, restavam os conventos, ou então, aulas particulares em casa para aprender unicamente a se comportarem dentro e fora da esfera doméstica. Como mostra Duarte (2003, p. 153),

A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, e até então as opções eram uns poucos conventos, que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras, ou o ensino individualizado, todos se ocupando apenas com as prendas domésticas.

As rigorosas limitações de ensinar o essencial, como, cozinhar e costurar dentre outros afazeres domésticos, desencadeou um regime opressivo, de proibição à escola, de negação a uma educação voltada para atividades que desenvolvessem as aptidões intelectuais. Tais questões são facilmente identificadas nas obras do cânone brasileiro, a exemplo os romances urbanos do autor José de Alencar, narrativas voltadas à representação dessa postura submissa do sujeito feminino.

No campo da literatura, destaca-se a escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917) que ganhou visibilidade com o livro intitulado *Úrsula* (1859), obra de indiscutível qualidade literária, e considerada como primeira obra brasileira de autoria feminina. Ela, como poucas mulheres do século XIX, enxergou no acesso à educação, a oportunidade de desvincular da figura masculina, e pensar em uma possível liberdade desse período de formação de um cânone literário marcadamente masculino, branco e elitista.

Assim como Maria Firmina, existiram outras que se preocuparam com a posição da mulher na sociedade, no entanto solitárias nessa luta, não possuíam forças para o rompimento dos muros há anos sendo construídos sobre o alicerce da exclusão feminina. Lemaire (1994, p.1) destaca as interferências dos discursos:

Genealogia nas sociedades patriarcais do passado: o primeiro, a sucessão de escritores brilhantes. Em ambos os casos, as mulheres, mesmo que tenham lutado com heroísmo ou escrito brilhantemente, foram eliminadas ou apresentadas como casos excepcionais, mostrando que, em assuntos de homem, não há espaço para mulheres “normais”.

Somente a partir dos séculos XIX e XX é possível ver as significativas perdas do discurso opressor e a progresso da figura feminina nas representações literárias e mesmo na própria escrita de autoria feminina, a exemplo, temos uma das vozes femininas mais importantes no cenário da literatura brasileira a autora Clarice Lispector, desde as primeiras obras já imprimia a sua e da sociedade as tantas inquietudes e, principalmente, a relação de subalternidade da mulher.

No entanto, a marginalização torna-se ainda mais evidente quando lidamos com a representação da mulher negra, numa sociedade patriarcal e racista. Nas palavras de Conceição Evaristo (2005):

Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (2005, p. 54).

Sumariamente percorremos o caminho de luta árdua travada pelas mulheres na busca por espaços, no entanto ao constatamos o ambiente em que a escritora Carolina Maria de

Jesus encontrava inserida nos anos 50, percebemos que ela precisou romper outras barreiras, não apenas de gênero, mas social e racial. Miriam Aparecida Alves (2010) discorre que:

Ao assumir sua voz-mulher, as escritoras afro-brasileiras ampliam o significado da escrita feminina brasileira, revelando uma identidade-mulher que não é mais o “outro” dos discursos. Afirmam uma identidade-mulher-negra que revela que sempre esteve lá, no “lugar do silêncio”, dentro do outro silêncio-mulher-branca, na singularidade e na subjetividade da experiência única de ser mulher negra no Brasil, que, em seus vários aspectos, é contemplada pela criação dos textos literários, enfocando os mais diferentes aspectos, expondo a complexidade que reveste o ser Mulher na sociedade brasileira. (2010, p. 186)

A escritora narrou os sofrimentos, as dores, os preconceitos e as alegrias de um povo esquecido pela sociedade, que conviviam num ambiente impróprio para o ser humano. A favela na voz da autora está “nua” nas páginas do livro, apenas descrita como um espaço de depósito de pessoas (JESUS, 2006),

(...) As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (2006, p.33)

Por meio da literatura, Carolina de Jesus registrou com voz própria sua história e de tantas outras mulheres. Evidenciou a importância de lutar pelos seus ideais e romper os espaços renegados por uma sociedade excludente.

A escrita de Carolina Maria denuncia a desigualdade, desrespeito e as injustiças sociais desse grupo que viviam à margem. E, em vários momentos é possível verificar - apesar do preconceito - o profundo apreço que ela sentia por ser negra (JESUS, 2006):

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo do branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta (2006, p. 65).

A escritora não sentia encomodada com sua raça, sentia desprezo pelo sistema que sempre rotulou as pessoas, impedindo que grupos oriundos de periferias não pudessem ser ouvidos.

3. A LIBERTAÇÃO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

A autora, também narradora e personagem da obra *Quarto de Despejo, Diário de uma favelada* revelou ao mundo a favela vista de dentro, um lugar miserável e esquecido. Expôs o seu cotidiano, as dificuldades encontradas na favela do Canindé para criação sozinha dos seus três filhos e mesmo a resistência dos vizinhos quando a viam escrevendo. Carolina Maria deu voz às mulheres em situações semelhantes a sua, que viveu e/ou vivem diariamente a opressão. Mesmo que o país tenha avançado em alguns aspectos, percebe-se que a situação ainda continua, anos depois da publicação da obra, como o preconceito racial, que contribui para a redução de oportunidades no mercado de trabalho para as mulheres negras e a violência doméstica relatada no livro.

Em cadernos velhos encontrados em meio ao lixo, Carolina Maria escreveu seus acontecimentos diários, o aniversário de sua filha Vera, o levantar cedo para cumprir suas obrigações de catar papéis e latas para levar sustento aos seus filhos. Descreveu detalhadamente o cotidiano dos moradores da favela, os fatos políticos e sociais que influenciaram para a pobreza extrema e para o comportamento dos moradores da favela condicionados ao esquecimento.

Logo no início do livro percebe-se a forma diferente de narrar à história. Nota no primeiro parágrafo o seu descontentamento com a política brasileira, que elevavam os custos com alimentação, impedindo que os moradores pudessem adquirir outros bens. JESUS (2006):

15 DE JULHO DE 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmenre somos escravos do custo.E achei um para de sapatos no lixo, lavei e remendei para calçar. (2006, p.9).

Em várias passagens do livro é nitida a vontade da narradora em sair daquele ambiente miserável e ainda aparece um discurso consciente, quanto ao descaso do sistema político e social com as pessoas que eram “depositadas” na favela, Jesus (2006),

Estou residindo na favela. *Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estinguem as favelas.* Há poucos que prevalecem do meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem o dia inteiro pedindo esmola (p.21. grifo meu)

O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. *A fome também é professora.* (p.31. grifo meu)

8 de novembro.... Fui fazer compras no japonês. Comprei um quilo e meio de feijão, 2 de arroz e meio de açúcar, 1 de sabão. Mandei somar. 100 cruzeiros. O açúcar aumentou. A palavra da moda, agora, é aumentou. Aumentou! (2006, p.129)

Escrever o que acontecia com ela e com seus filhos servia para aliviar a dor e o sofrimento da pobreza na favela. Devido à sensibilidade como são relatados os fatos durante os anos que morou em Canindé seus diários são extremamente comoventes. Como BLANCHOT (2005) colocou:

Escreve-se para salvar a escrita, para salvar sua vida pela escrita, para salvar seu pequeno eu (as deformações que se tiram contra os outros, as maldades que se destilam) ou para salvar seu grande eu, dando-lhe um pouco de ar, e então se escreve para não se perder na pobreza dos dias. (2005, p. 274).

A escrita e a leitura preenchem em sua vida um papel fundamental, nunca a deixou desistir. Apesar da pobreza que a cercava e das dificuldades que encontrava todos os dias. No fragmento, a autora mostra o apreço pela leitura, no relato do dia 21 de julho de 1955, ela declarou de forma contundente a importância da leitura: “Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. *Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.* (JESUS, 2006, p. 22. grifo meu).

Ainda que tenha convivido com os rótulos de “negra e favelada”, mãe solteira e sem escolaridade, Carolina Maria encontrou nos lixões do entorno da favela do Canindé, em São Paulo, não apenas, os meios de sustentar sua família, , mas a base da sua produção literária para resgatar sua dignidade de cidadã.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com intuito de percorrer o caminho de exclusão feminina, em especial a mulher negra, o artigo procurou mostrar que através da literatura é possível quebrar as barreiras e transformar a realidade que para muitos pareceria impossível. Por meio da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* que narra à trajetória de luta diária de uma mulher negra, favelada, semianalfabeta e mãe solteira, Carolina Maria de Jesus passa a ser, portanto, representante de uma classe emudecida.

Nos seus diários é apresentada uma narrativa de cunho histórico-social que ilustra a estreia de uma nova visão do sujeito. Com reflexão crítica desse lugar social de mulher como esposa, mãe, dona-de-casa, negra, favelada e que depara com esse não-lugar, um vez que busca o seu próprio caminho.

Vale ressaltar que a obra possibilita tratar de diversos outros assuntos como, a condição social, econômica, política, espaço e as relações humanas deterioradas.

Contudo, almejava desenvolver um texto que evidenciasse a voz marginalizada dessa autora brasileira, que em meio às adversidades enfrentadas conseguiu expor sua realidade, seus anseios e ao mesmo tempo, posicionar criticamente na obra para questionar o esquecimento da sociedade com o sujeito marginalizado mulher/negra/pobre.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam Aparecida. **A literatura negra feminina no Brasil — pensando a existência**. Revista da ABPN, n.3, v.1, nov.2010-fev. 2011, p. 181-189.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: **o livro por vir**. Tradução Leila Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

EVARISTO, C. *Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira*. In___ Revista Palmares. Nº. 01, agosto/2005. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2016.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: Diário de uma favelada. 9. ed., São Paulo: Ática, 2006.

LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. In: Heloísa Buarque de Hollanda. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.p.1-6.

NAVARRO, Márcia Hoppe, SCHMIDT, Rita Terezinha. **A questão de gênero: ideologia e exclusão**. In: 2º Congresso sobre a 98 | Literatura, espaço autobiográfico e memória Mulher, Gênero e Relações de Trabalho, 2007. Goiânia: Instituto Goiano do Trabalho, 2007. v. 1.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Tradução ALMEIDA, Sandra, FEITOSA, Marcos, FEITOSA, André. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.